

MANUAL DO PROFESSOR

A MENINA DOS SONHOS DE RENDA

Marília Lovatel

Ilustrações de Marcella Riani

Organização pedagógica Maria José Nóbrega



ÁRVORES E TEMPO DE LEITURA

Maria José Nóbrega

“O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?”¹

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “Trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traiçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam coisas futuras.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual é a resposta? Vamos a ela: os anos, que se dobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore – a árvore do tempo – e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. [...] E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para determinada situação constitui um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, transforma-se em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais – em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas – é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

UM POUCO SOBRE MARÍLIA LOVATEL, A AUTORA DE *A MENINA DOS SONHOS DE RENDA*

Arquivo da autora



Marília Lovatel nasceu em Fortaleza, Ceará. Com uma carreira dedicada à Literatura e à educação, formou-se em Letras pela Universidade Estadual do Ceará e, posteriormente, aprofundou seus estudos por meio de uma extensão em técnicas de aprendizagem na Universidade de Cambridge, Inglaterra. Em 1988, recebeu o Prêmio Nacional Jovem Escritor, promovido pela Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul. Em 1993, publicou o conto *O vendedor de sonhos* como parte de uma coletânea apresentada por Rachel de Queiroz. Seu primeiro livro, entretanto, só foi lançado em 2012, sob o título *Sala de aula e outros contos*, e integrou o catálogo da Feira Internacional de Livros Infantis e Juvenis de Bolonha, na Itália, em 2013. Em seguida, Marília publicou a obra de literatura fantástica *Templária, cidade entre mundos*, cuja autoria divide com seu filho Matheus Lovatel Pena. Em 2015, lançou o infantil *Fábulas e contos em versos* e o romance juvenil *A memória das coisas*, ambos apresentados por Ignácio de Loyola Brandão.

A OBRA

O Nordeste brasileiro e a tradição das rendeiras são o pano de fundo de *A menina dos sonhos de renda*, de Marília Lovatel.

Dividida em duas partes, a trama tem início durante a infância de Filó, uma garota que, ao nascer, sofreu a triste sina de perder a mãe no parto. Criada pelo pai e pela avó, ela cresceu em meio às rendeiras da cidade, ouvindo suas histórias e acompanhando bem de perto um imenso projeto idealizado por sua mãe: tecer uma renda tão comprida, mas tão comprida, que seria até capaz de tornar a cidade famosa.

Quando Filó completou sete anos, a renda pronta lhe foi dada de presente. Observadora, a garota, a partir de então, passou a reconhecer tramas e entrelaçamentos na base de todas as coisas, nas redes dos pescadores, nas cortinas de sua casa, nos chapéus de palha... Em meio a devaneios, os anos se passaram e Filó teve que lidar com algumas novas perdas, além de alguns sonhos persistentes – volta e meia, a imagem de uma enigmática senhora vestida de branco vinha lhe dar conselhos durante o sono. A vida pacata da jovem é ameaçada quando Malaquias, um comerciante trapaceiro da cidade, rouba sua preciosa e comprida renda...

Na segunda parte do livro, acompanhamos a trajetória de Marisol, filha de Filó. Dotada de uma excepcional habilidade para tecer, a jovem desde cedo se interessou pela arte das rendeiras e pedia com frequência que sua mãe lhe contasse as histórias de sua origem. Seu dom era tamanho que

chegou aos ouvidos do mal-intencionado Malaquias. Dessa vez, entretanto, o plano do comerciante foi ainda mais perverso: melhor do que roubar a renda era roubar a rendeira... Para o desespero de Filó e seu marido, Marisol foi sequestrada e obrigada por Malaquias a tecer ininterruptamente uma renda tão grande e tão bonita quanto aquela de sua mãe. Por sorte, assim como a mãe, Marisol também passou a sonhar com os enigmáticos conselhos da senhora de branco...

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Através dessas duas histórias, Marília Lovatel cria uma obra extremamente alinhavada, com uma mistura de delicadeza e sagacidade que com certeza vai ganhar o interesse do jovem leitor.

Escrita em versos rimados, a história, que é um grande poema, é conduzida em um ritmo bastante ágil, que valoriza cada estrofe como parte da narrativa. Como complemento, a obra conta ainda com as belíssimas ilustrações de Marcella Riani, que, com poucos traços, desenha imagens complexas que nos remetem a rendas e bordados. Nas ondas do mar, no contorno das nuvens, nos cabelos das personagens, vemos as linhas que se trançam em imagens poéticas.

Por fim, *A menina dos sonhos de renda* deixa no leitor a sensação da própria tessitura da vida, como se ela própria fosse, como Filó desde jovem percebe, um grande arranjo de fios que tecemos ao longo dos anos.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Poema.

Componentes curriculares: Língua Portuguesa, Ciências Humanas, Arte, Filosofia, Sociologia.

Temas contemporâneos: Direitos da criança e do adolescente; educação ambiental; respeito e valorização do idoso; educação em direitos humanos; educação das relações étnico-raciais; vida familiar e social; trabalho; diversidade cultural.

Público-alvo: 6º e 7º anos do Ensino Fundamental.

